



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**ARNALDO JOSÉ DA COSTA FILHO
(Depoimento)**

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-218

Entrevistado: Arnaldo José da Costa Filho

Nascimento: 29/09/1922

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – UFRGS, Porto Alegre – RS.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 19/04/2012

Transcrição: Carina Kaiser de Miranda

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 97 minutos e 46 segundos

Páginas Digitadas: 14

Observação:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita. Essas alterações foram respeitadas nesta versão que foi autorizada para publicação.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação como médico; turma de Medicina; formação para Oficiais do Exército; início na profissão; envolvimento com a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; disciplinas e cursos ministrados na Escola de Educação Física; atuação como médico do Grêmio Esportivo Renner; informações sobre a história do Grêmio Esportivo Renner; homenagem da Academia Su-Riograndense de Medicina.

Porto Alegre, 19 de abril de 2012. Entrevista com Arnaldo José da Costa Filho a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, qual sua data de nascimento?

A.F. – Dia 29 de setembro de 1922, dia de São Miguel, [risos] poderia me chamar Miguel mas meu pai tinha todos os filhos com o nome iniciado com a letra A, como ele era Arnaldo da Costa, então, é Aldo, Angélica, Arnaldo, Almir e Alice.

C.M. – Qual é o local de nascimento? Eu nasci em Porto Alegre mesmo, em uma casa bem em frente à Santa Casa.

C.M. – Quantos irmãos eram?

A.F. – Nós éramos dois casais, uma irmã mais velha que eu, depois eu, depois o meu irmão, e a minha irmã caçula veio quinze anos depois então no encerramento da fábrica [riso].

C.M. – Então, Professor, como o senhor se envolveu com a Educação Física?

A.F.– Diplomado em Medicina em 1947, fui ao interior do Estado buscando dar início a minha atividade profissional. Foi quando comecei a trabalhar em uma localidade no interior de Guaporé¹, chamada Vila Casca, era uma colônia italiana de suinocultores, tinha até um frigorífico também, uma colônia muito próspera. Uns três meses depois, mais ou menos, eu recebi um telegrama – naquele tempo não tinha telefone só telégrafo – de um colega que tinha ficado em Porto Alegre. Ele soube que a Escola Superior de Educação Física², que era estadual, tinha aberto inscrições para o vestibular do Primeiro Curso de Medicina Aplicada à Educação Física e ao Desporto. Mandei como resposta:

¹ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

² A Escola Superior de Educação Física, fundada em 1940, era ligada ao Estado do Rio Grande do Sul sendo federalizada em 1969 quando passa a integrar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“Inscreve-me, avisa-me 48 horas antes dia vestibular”. Aí fizemos o exame para ingresso na Escola de Educação Física.

C.M. – Que ano mais ou menos?

A.F.– 1948 e passamos... Éramos apenas três: este meu colega, eu e uma médica³ formada no Rio de Janeiro que era casada com o doutor Saul Nicolaiewsky⁴, dono do Colégio Rui Barbosa, um dos maiores colégios particulares na época. Era obrigatório os estabelecimentos de ensino terem médicos que faziam exames no começo do ano para ver os alunos que não podiam ou não deviam fazer Educação Física e depois o médico acompanhava o desenvolvimento das aulas de Educação Física e a dispensa, porque a frequência era obrigatória. No curso, as disciplinas da área médica eram ministradas por médicos que haviam feito o mesmo curso na Escola de Educação Física do Exército que foi a primeira Escola do Brasil. A nossa aqui começou, em 1940 e pertencia à Secretaria de Educação do Estado. Lembro-me dos doutores Ary Costa Mariante⁵, Arno Tschiedel⁶, Amadeu Faviero⁷, Hélio Barcellos Ferreira⁸, Gabriel Pastor⁹, dentre outros. No fim de novembro, princípio de dezembro, eu ainda não tinha terminado o Curso, quando veio um inspetor de alunos me chamar porque o diretor queria falar comigo. Estava em aula, então compareci, cheguei lá e o diretor me disse: “Doutor, o cidadão que está aqui assumiu a presidência de um clube de futebol de Porto Alegre e está procurando um médico especializado em Educação Física e Esporte”. Eu conversei com o presidente do Grêmio Esportivo Renner¹⁰, acertei com ele e fui contratado como médico profissional do clube. Naquele tempo os médicos prestavam serviço porque eram torcedores, associados ou conselheiros do clube e não eram remunerados. E assim então foi o meu início na Educação Física, mais precisamente na Medicina aplicada à Educação Física.

C.M. – O curso que o senhor fez aqui foi de Medicina do Esporte?

³ Sarita Nicolaiewsky.

⁴ Médico falecido em 2011.

⁵ Formado em Medicina pela UFRGS em 1937.

⁶ Formado em Medicina pela UFRGS em 1940.

⁷ Formado em Medicina pela UFRGS em 1937.

⁸ Formado em Medicina pela UFRGS em 1936.

⁹ Formado em Medicina pela UFRGS em 1914.

¹⁰ Fundado em 27 de julho de 1931

A.F.– Medicina Aplicada à Educação Física e aos Desportos. Em 1958 eu fui convidado para assumir um cargo de confiança na Secretaria de Educação do Estado, como Assistente Técnico da Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional – SEFAE. E a minha primeira tarefa foi verificar em que estado estavam as obras da Escola de Educação Física. Então eu compareci aqui, fiz uma vistoria e encerrei o meu relatório dizendo assim: “Existem meia dúzia de estacas plantadas no meio de um matagal ocupado por desocupados e marginais”. E, como o governo que assumia, estava voltado quase que totalmente à educação – ele não deixou localidade no Estado onde tivessem mais de 30 crianças sem ter uma escola – construiu a Escola de Educação Física que em 1962, quando nós entregamos o governo, estava pronta e em condições de ser utilizada. O governador era Leonel Brizola¹¹, e o secretário de educação era José Mariano de Freitas Beck.¹²

C.M. – Ele que te convidou para o cargo?

A.F.– Foi. Foi este meu contato com a Escola de Educação Física durante as obras, que fez com que me convidassem para assumir como assistente da Disciplina de Higiene e Anatomia Aplicada à Educação Física, cujo catedrático era homem de saúde pública, era higienista que dava muito bem a Disciplina de Higiene mas tinha muita dificuldade na parte da Anatomia. E eu como ortopedista tinha a obrigação de conhecer Anatomia pelo menos do Aparelho Locomotor, então ele me designou para assumir a Disciplina de Anatomia e eu então comecei a lecionar aqui na Escola.

C.M. – Lembra o nome deste professor?

A.F. – Professor Poli Marcelino Espírito. Eu comecei a dar as aulas e eu já tinha um conceito que na Anatomia assim como Geografia se a gente não vê os acidentes geográficos ou as estruturas anatômicas a gente esquece, pode decorar para fazer um exame e dois dias depois não se lembra de mais nada. E eu comecei a insistir nas reuniões do Conselho de que a Anatomia tinha que ter aulas práticas. Acontece que a Escola funcionava em tempo integral, de manhã e de tarde. Mas muitos alunos tinham

¹¹ Leonel de Moura Brizola, foi governador do Rio Grande do Sul de 1959 a 1963.

¹² Foi Deputado Federal por Rio Grande do Sul de 1955 a 1959 e Secretário de Educação na gestão de Brizola.

que trabalhar de noite porque sustentavam sua família, então, a Escola não podia marcar atividades à noite. Eu me dava muito bem com os diretores do Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina, dos quais eu tinha sido aluno. O diretor do Departamento era o professor Milano¹³, que na época era Reitor da Universidade tendo ficado em seu lugar o Professor Chaphick Saadi¹⁴, que deixaram o Instituto de Anatomia a minha disposição, mas como só podia ser a noite teve que ser autorizado um inspetor de alunos que abriria o Instituto e forneceria as peças anatômicas necessárias, mas isso seria hora extra. Então, na primeira aula que eu tive depois disso, disse para os alunos: “O estudo da Anatomia se não for feito em cadáver não tem valor nenhum, vocês vão decorar para fazer um exame e dois dias depois não vão se lembrar de nada. Eu tentei muito que a Escola oficializasse a parte prática da Anatomia, mas não foi possível porque os horários estavam ocupados nos turnos da manhã e da tarde, só poderia ser à noite. Então, eu vou fazer o seguinte: vou estar à disposição de vocês, no Instituto Anatômico, terças e quintas, das 20 às 22 horas, na rua Sarmiento Leite; não é obrigatório, não tem chamada e quem for vai ter que pagar cinco “pilas” para pagar o inspetor de alunos que vai abrir o Instituto e ficar a nossa disposição para nos atender”. E para surpresa e alegria minha compareceram todos. Ai então eu complementei com a parte prática mostrando todas as estruturas anatômicas em cadáver. Muitos alunos inclusive ficaram amigos do inspetor e quando eles tinham alguma dificuldade combinavam e se reuniam lá no Instituto e praticavam dissecando as estruturas. Dois anos depois começaram a aparecer os primeiros preparadores físicos do nosso Estado. Liderados pela figura ímpar de Eron Berensdorf que foi na época o melhor aluno que eu tive e que mesmo antes de formado já começou a trabalhar como preparador físico do Grêmio¹⁵, depois foi para o Internacional¹⁶ e depois terminou indo para o centro do país onde fez grande carreira de preparador físico. A última notícia que tive dele, é que assumiu a Divisão de Educação Física do MEC em Brasília. E, começaram a aparecer preparadores físicos, todos meus alunos: Ithon Fritzen, Gilberto Tim¹⁷, Alduíno Zílio¹⁸, Zeca Albuquerque, Otacílio Gonçalves, Júlio Arão, Carlos Alberto¹⁹, Carlos Gainete, dentre muito outros. Eu escrevi um livro não sei se tu vistes, eu já doei dois para a

¹³ José Fonseca Milano, reitor da UFRGS no período de 1964 a 1968.

¹⁴ Formado em Medicina pela UFRGS em 1934.

¹⁵ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

¹⁶ Sport Clube Internacional.

¹⁷ Gilberto Pazzetto.

¹⁸ Diretor da ESEF-UFRGS, de 1981 a 1984.

biblioteca, acho que quanto mais tiver melhor [risos], são crônicas médicas, esportivas e cinegéticas... Eu era caçador então tenho alguma coisa de cinegética no meu livro. E eu terminei dizendo assim: “Será que o aparecimento dos preparadores físicos foi decorrência da alteração que eu fiz na Disciplina de Anatomia? E que então capacitou melhor os alunos a se formarem? Ou então será que esse aparecimento foi uma evolução cíclica do esporte que passou a exigir o aparecimento deles? Deixo aos meus alunos a resposta, se eles acharem que eu influenciei, me dou por muito satisfeito por ter cumprido com a minha obrigação”. Dois anos depois que eu assumi, em 1964 ou 1965, a disciplina foi desmembrada, ficou Higiene Aplicada à Educação Física que continuou com o doutor Poli Marcelino, e foi criada a Disciplina de Anatomia Aplicada à Educação Física e ao Desporto, da qual eu fiquei como regente. Como todo o fundador de disciplina tem direito ao título de catedrático, então eu sou Catedrático de Anatomia aposentado desde 1989. Em 1969 a Escola foi federalizada e no decreto de federalização dizia que os funcionários e professores da Escola passavam a integrar os quadros da Universidade na mesma categoria que estavam na época, então, eu passei a integrar o quadro de professores da UFRGS. O interessante é que pouco tempo depois a universidade fez a unificação dos departamentos porque havia Anatomia na Medicina, Farmácia, Odontologia, Veterinária, Educação Física e Belas Artes, formando o Departamento de Ciências Morfológicas, do qual fui um dos fundadores.

C.M. – O Departamento de Morfologia Humana ele foi fundado quando? Foi 1965?

A.F. – Não, foi muito tempo depois, a escola foi federalizada em 1969. Deve ter sido lá na década de 1970, mais ou menos que houve a unificação dos Departamentos na Universidade.

C.M. – E a Disciplina de Anatomia ela passa a ser sozinha sem a Higiene a partir de 1964?

A.F. – Eu entrei em 1962, deve ter sido em 1965 ou 1966 mais ou menos. Mas isso dá para ver pelas atas do Conselho²⁰, pois precisamente eu não sei.

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

²⁰ Conselho da Unidade da Escola de Educação Física.

C.M. – O que o senhor lembra da época do currículo, essa Disciplina de Anatomia era dada tanto para a formação de Educação Física, Medicina do Esporte e também era dada para aquele Curso Normal, era para todos os cursos que tinham na Escola?

A.F. – Sim, sim. Agora tu me lembrastes, até nem falei isso, a Professora Iula Hervé Grimm²¹, era professora de Educação Física do Instituto Santa Luzia, dos invidentes (eles não gostam de ser chamados de cegos). E como uma turma muito boa terminou o ginásio, ela conseguiu que a Escola de Educação Física desse um Curso de Massoterapia para eles. Eram uns dezesseis ou dezoito e eu tive que dar Anatomia para cegos, foi um trabalho exaustivo e que demandou muito sacrifício. Imagina eu dar Anatomia para “invidentes”? Eu tinha que pegar a peça anatômica e fazer um por um apalpar cada um dos acidentes anatômicos. Não me esqueço de que na ocasião eu convidei o Diretor da Escola que era o Coronel Sofia²², (havia muitos oficiais da Brigada Militar que lecionavam aqui, o Cel. Targa²³, Cel. Moreira²⁴, Cel. Pandolfo²⁵ e outros, inclusive a Brigada Militar tinha um Curso de Formação em Educação Física para seus Oficiais que funcionava na Escola) para assistir uma verificação de aproveitamento da Disciplina. Então eu submetia os alunos, um por um, mostrava uma peça anatômica, o fêmur, por exemplo, e perguntava: Que osso é este? Ai eles apalpavam e respondiam. Ai eu perguntava é o direito ou é o esquerdo, por quê? Eles respondiam: porque a cabeça que está aqui está assim e dava a explicação. Uma hora eu olhei para o professor e as lágrimas escorriam dos olhos dele [risos] foi uma experiência muito boa, até hoje de vez em quando eu encontro algum deles na rua. Eles não esquecem da minha voz. Como eles não têm um sentido os outros são muito aperfeiçoados. Certa ocasião fui à Gramado²⁶ passar um fim de semana com a família e ouvi falar muito de um Instituto de Lodoterapia. Era de um médico alemão que descobriu em cima de um morro um banhado cuja lama era medicinal. Eu fui visitar, quando cheguei lá vi que uma das minhas alunas “invidentes” eram encarregadas da parte de massagem do Instituto e ela me reconheceu pela voz.

²¹ Iula Maria Green Herve

²² Nomes sujeito a confirmação.

²³ Jacintho Francisco Targa, diretor da ESEF em 1945 a 1953 e 1971 a 1976.

²⁴ Joao Gomes Moreira Filho.

²⁵ Carlos Alberto Tripolino Pandolfo.

²⁶ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

C.M. – O que o senhor dava no programa da Disciplina?

A.F. – O programa que eu fiz era assim, metade era Aparelho Locomotor, que esse eu dava minuciosamente pois é imprescindível para um professor de Educação Física. Então eu dava Osteologia, Miologia, Artrologia, isso era metade do Curso, a outra metade eram os demais aparelhos que não eram dados com tanta profundidade, mas um professor de Educação Física não pode deixar de conhecer o Aparelho Circulatório, o Aparelho Respiratório e os demais.

C.M. – As outras disciplinas do Currículo do Curso o senhor lembra?

A.F. – Eu acho que não houve muita modificação, isso é mais ou menos clássico, é determinado pelo Ministério da Educação, não é aleatório, tem muita coisa obrigatória para não ter problema.

C.M. – E dos professores da época de quem o senhor lembra?

A.F. – Eu tive grandes professores aqui, foram aproveitados daquele primeiro curso, médicos que tinham feito o Curso de Medicina Aplicado à Educação Física na Escola de Educação Física do Exército que era a única do Brasil. E eles tinham feito este curso, para serem médicos de estabelecimentos de ensino. O Professor Hélio Barcelos Ferreira que dava Fisiologia do Esporte; o Professor Amadeu Favieiro dava Psicologia; o Professor Ary Mariante que dava Metabologia; o Professor Gabriel Pastor dava Fisioterapia. Interessante quando começou a Escola de Educação Física do IPA²⁷ que foi a primeira escola particular do Estado diversos professores da UFRGS foram aproveitados. A Disciplina de Anatomia teve diversos professores, mas o MEC exigiu que o professor de Anatomia tivesse o curso de Medicina Aplicada à Educação Física. Então eu fui contratado pelo IPA como Professor de Anatomia para regularizar a situação da Escola, porque já estava se formando a primeira turma e eles ainda não tinham conseguido contratar um médico que tivesse este curso. Lecionei lá algum tempo, mas como as aulas eram de noite e as turmas muito grandes, (eu não dava aula de anatomia para turma de mais de cinquenta, porque ainda que as aulas magistrais

²⁷ Instituto Porto Alegre da Rede Metodista.

fossem teóricas, metade da turma enxergava e a outra metade não, começavam a conversar e a gente perdia o controle). O IPA começou a aumentar muito o número de alunos por turma, porque o que mantém uma escola particular é a mensalidade dos alunos. Então não dei mais aulas, mas parece que não conseguiram ninguém que tivesse curso de Medicina Aplicada à Educação Física.

C.M. – O senhor disse que fez um relatório sobre a construção dos prédios aqui. Como foi quando inauguraram o primeiro prédio, já mudaram todas as aulas para cá?

A.F. – Quando eu fiz o Curso de Medicina Aplicada à Educação Física a Escola era no Estádio do Esporte Clube Cruzeiro – Estádio da Colina Melancólica – onde hoje é o Cemitério João XXIII. Ali a Escola de Educação Física esteve por bastante tempo, até que o Cruzeiro não teve mais condições de continuar mantendo porque estava prejudicando o desenvolvimento das atividades do clube. Então se mudaram para a Associação Cristã de Moços (ACM), e depois para o local atual em 1962. Os prédios das escolas eram pré-fabricados, e acho que aqui foi mais ou menos neste molde, era de madeira, pré-fabricado, para facilitar mais a obra. Eu me recordo que o ginásio de Educação Física, era o maior pavilhão de arco de madeira da América do Sul. Eu comentei isso com o diretor atual e ele me disse que recentemente foi modificado, pois o cupim comeu a madeira e teve que ser refeito em ferro.

C.M. – E o senhor, na época que foi professor, já tinha algum início de pesquisa, já se faziam pesquisas científicas?

A.F. – Eu lembro quando começou o Lapex – Laboratório de Pesquisa do Exercício, na época o Dr. Eduardo de Rose²⁸ teve uma participação muito grande e tinha um outro colega que morava em Viamão, Dr. Belmar²⁹, que continuou o trabalho do de Rose. Eles faziam trabalhos de pesquisa muito bons. Naquela época os clubes de esporte (Grêmio, Internacional, Cruzeiro³⁰, Petrópolis³¹, Sogipa³², ...) faziam os seus exames médicos iniciais aqui, provas, testes atléticos, tudo era feito aqui.

²⁸ Eduardo Henrique De Rose.

²⁹ Belmar Jose Ferreira de Andrade.

³⁰ Esporte Clube Cruzeiro.

³¹ Petrópole Tênis Clube.

³² Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

C.M. – E o senhor se envolveu em alguma dessas pesquisas?

A.F. – Houve um Congresso Brasileiro de Educação Física aqui, onde apresentei um trabalho sobre Lesões Meniscais do Joelho, quando foram aprovados os prazos mínimos de volta à prática desportiva após a cirurgia, embasados nos dados por mim apresentados.

C.M. – E o senhor se aposentou por tempo de trabalho? Por idade?

A.F. – Eu me aposentei em 1989 com 67 anos de idade. Juntei um tempo de trabalho como médico, ao tempo de professor, para completar o necessário.

C.M. – E agora a relação do senhor com o Renner.

A.F. – A minha história com o Renner começou aqui na escola. O Grêmio Esportivo Renner surgiu dentro das Indústrias de Vestiário A. J. Renner, mais precisamente no seu refeitório quando foi fundado em 27 de julho de 1931, para ser o clube de lazer dos funcionários da firma. Começou com futebol, ping-pong, damas, dominó e xadrez. (O Renner desde o começo impulsionou muito o xadrez no nosso meio, a sede do Metrôpole Xadrez Clube único filiado à Federação Brasileira de Xadrez em Porto Alegre, funcionava dentro de dependências do Renner e eles contratavam mestres internacionais que vinham para divulgar e dirigir o xadrez). Tinha, também, basquete e vôlei, mas o principal era o futebol. Começaram a jogar inicialmente contra outras fábricas, no quarto distrito, a Fábrica de Tecidos Fiateci, dos Irmãos di Primio Beck, a Metalúrgica Gerdau e a Neugebauer de Chocolates. Passou a disputar o Campeonato Varzeano de Porto Alegre e se sagrou campeão, tendo, por isso, acesso à disputa do Campeonato Amador do Estado, do qual também foi campeão. Com isso teve acesso à Primeira Divisão de Futebol Gaúcho, onde começaram timidamente até que chegou ao ponto em que ou se profissionalizavam ou abandonavam o futebol. Optaram pela profissionalização porque era uma excelente forma de propaganda, na mídia escrita, falada e posteriormente televisionada. Escolheram entre os diretores da firma aquele que tivesse mais disponibilidade de horário para assumir a direção do Clube de Futebol. Na época, no sexto andar das Lojas Renner, havia as Confecções Renner onde o cliente

escolhia a roupa, um alfaiate tirava as medidas e em meia hora a roupa era entregue. Já estava bem organizada, os alfaiates eram muito competentes (o Oswaldo Rolla³³, o “Foguinho” que foi depois um grande treinador, foi alfaiate do Renner nessa seção). Então escolheram o diretor das Confecções, Mário Azevedo, para presidir o Clube de Futebol; ele era de Santa Vitória do Palmar³⁴. Mário teve a perspicácia de perceber que precisava de um médico especializado em Medicina Desportiva e de um Treinador que fosse Preparador Físico, esse foi o seu grande mérito. Foi na Escola de Educação Física e pediu ao Diretor que indicasse um Médico com especialização em Medicina Desportiva; como eu estava lá terminando o Curso de Medicina Aplicada à Educação Física fui contratado como então primeiro médico profissional de clube de futebol do Estado. Indiquei Selviro Rodrigues³⁵, professor de Educação Física do IPA para ser o treinador pois tinha as características que procuravam. E começamos a trabalhar; no começo tivemos muitos problemas, muitos vícios, inclusive morais. O Selviro começou a levar muitos rapazes do IPA (na equipe que foi campeã havia quatro ou cinco alunos do IPA). E com o melhoramento das condições técnicas e mais a parte moral, chegamos em um ponto que, digamos, era o ideal. Foi quando o time começou a deslanchar e a ombrear com o Grêmio e o Internacional e os demais clubes, de igual para igual. O velho A.J. Renner³⁶, fundador da firma e ainda diretor, era um grande empreendedor. Ele comprou uma Fazenda em Encruzilhada do Sul³⁷ e começou a plantar linho. Em 1953 ele fez a primeira colheita e lançou o Linho Branco Renner, que passou a ser o vestuário de verão obrigatório de todo gaúcho. Para divulgar o linho no resto do Brasil foi organizada uma excursão por todo o norte e nordeste do país, que começou em outubro e se estendeu até o Natal (creio que tenha sido a maior excursão de um clube de futebol profissional no Brasil). Toda a delegação foi com o uniforme de linho branco Renner. Em Belém do Pará o representante Renner me disse que nos treze dias em que estivemos lá, ele vendeu o dobro de qualquer mês de funcionamento. Imagina a propaganda! [risos]

C.M. – Vocês organizavam nessas cidades jogos de futebol?

³³ Oswaldo Azzarini Rolla.

³⁴ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

³⁵ Selviro Rodrigues da Silva.

³⁶ Antônio Jacob Renner.

³⁷ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

A.F. – O principal era o futebol, mas eram disputadas também partidas de tênis. Tínhamos um grande jogador de tênis, o Adriano³⁸, e acompanhou a delegação um mestre internacional de xadrez que se chamava Vince Toth³⁹ (que foi o primeiro marido da Zsa Zsa Gábor, grande atriz de cinema). O Vince Toth em cada cidade visitada organizava partidas simultâneas, algumas com mais de trinta adversários e nunca perdeu uma partida.

C.M. – E os jogos de futebol eram sempre contra equipes da cidade?

A.F. – Sim, todos eles contra times locais. Em Recife, jogamos contra a seleção pernambucana... Naquele tempo era disputado o Campeonato Brasileiro de Futebol de seleções estaduais. E sempre ficavam para a semifinal, Rio Grande do Sul e São Paulo na região sul e na região norte Rio de Janeiro contra Minas Gerais, Bahia ou Pernambuco. E naquele ano que nós fizemos a excursão, 1953, Pernambuco tinha ficado para a semifinal com o Rio de Janeiro. E foram jogar contra nós e nós ganhamos. *Meu deus do céu, foi a coisa mais calamitosa que eu já vi na minha vida.* Quando terminou o jogo eles abriram a alambrado e mais de quinhentas pessoas entraram dentro do campo e nos cercaram. O pessoal não tinha como se defender, tiraram as botinas e faziam as botinas de tacape e no meio do bolo ficavam os que batiam bem, e os que conseguiam entrar no bolo os lá de dentro davam um jeito de resolver o problema e nós estivemos peleando assim uns vinte minutos, *coisa terrível!* Quando chamaram o recurso, veio à polícia especial e abriram fogo de metralhadora para conseguir tirá-los do campo, começaram a dar tiros no chão “trrrraaaaa”, e foi aquela debandada e nós ficamos uma hora e meia dentro do campo para que esvaziassem o estádio. Quando estava perto de sair, e que nos colocaram perto do muro, eles subiram e nos bombardearam com tijolos, foi uma coisa *terrível*. Foi o dia que eu mais trabalhei na minha vida [risos], eram 5 horas da madrugada e eu ainda estava dando ponto. E às 5 horas da madrugada quando eu estava terminando, louco de cansado, o hotel em que nós estávamos foi apedrejado, quebraram todos os vidros, coisa *terrível*. Eu tinha ido com minha mulher, porque eu era recém-casado e ficar sessenta dias longe da mulher, não dava [risos], daí eu disse: “Olha eu estou com um problema não posso ir sozinho. É bom que vá uma senhora pois dá mais seriedade”. Então minha mulher foi junto, estivemos juntos por sessenta dias.

³⁸ Nome sujeito à confirmação.

³⁹ Nome sujeito à confirmação.

Ficávamos em hotel separado da delegação e fizemos uma excursão muito boa. Naquele tempo as moças tinham um livrinho onde pediam para os rapazes escreverem mensagens, poesia, etc, e tinham uns jogadores que não sabiam nem escrever então eles se socorriam da minha mulher quando queriam impressionar as moças que conheciam [risos]. Era ela que escrevia nos livrinhos e tinha que fazer letras diferentes para não suspeitarem [risos], uma reminiscência muito boa... Pois no dia seguinte ao jogo tumultuado quando derrotamos a Seleção Pernambucana, eu fui com minha mulher tomar um banho de mar na praia de Boa Viagem, praia famosa, entramos em um táxi e o motorista não vinha, então eu disse: “Não vem nos atender?” e ele respondeu: “Hoje não tem táxi para gaúcho!”. Nos correram da praia [risos]. Esta excursão foi a complementação do nosso trabalho, nós ficamos 60 dias, novembro e dezembro, chegamos aqui era véspera do Natal. Imagina: sessenta dias, todo mundo junto, comendo, bebendo, treinando, jogando, brigando [risos]; gerou muita afinidade e nós começamos em 1954 com a equipe pronta! E foi um deslanche, ganhamos o campeonato invictos, não perdemos nenhuma partida, inclusive ganhamos duas partidas do Grêmio e duas do Internacional, no campo deles e no nosso campo, empatamos uma partida em Caxias⁴⁰, empatamos outra partida aqui em Porto Alegre contra o Nacional⁴¹ (uma partida *dramática*, estávamos perdendo por 3 X 0 faltando dez minutos, precisávamos marcar três gols para não perder a invencibilidade e conseguimos: terminou 3 X 3, sendo que os dois últimos gols foram feitos nos dois últimos minutos de partida). Depois do campeonato conquistado com duas rodadas de antecedência, jogamos em Novo Hamburgo⁴², empatando em 0 X 0. E encerramos o campeonato ganhando do Internacional por 3 X 1 no nosso Estádio. Foi uma conquista extraordinária. Após mais de cinquenta anos a dupla Gre-nal perdeu um campeonato. Ao Renner eu dei os melhores anos da minha vida. O Renner hoje continua vivo, o que eu chamo dos remanescentes da Família Rennista, periodicamente nos reunimos e relembramos as nossas conquistas. Eu encerro o capítulo do Renner no meu livro, dizendo assim: “Em uma roda de jogo o General Flores da Cunha⁴³, na época governador do Estado do Rio Grande do Sul, teve um desentendimento com um cigano e virou uma discussão acalorada e o governador disse para o cigano: ‘Vocês são tão desgraçados que não tem nem onde enterrar os seus mortos’. Ao que o cigano

⁴⁰ Caxias do Sul, cidade do interior do Rio Grande do Sul.

⁴¹ Esporte Clube Nacional.

⁴² Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

respondeu: ‘Os nossos mortos nós os enterramos no coração’. Assim somos nós do Renner, não temos campo, não temos estádio, não temos clube, não temos nada, mas vivemos com as nossas glórias, as nossas saudades e os nosso mortos enterrados dentro do coração”.

C.M. – O senhor fica até 1959 como médico profissional do time?

A.F. – Certo.

C.M. – E como foi esse fim?

A.F. – Isso é uma coisa muito complexa. Sabe, dentre os membros da família Renner a maioria era contra o futebol porque tinha sido distorcido o objetivo para o qual o clube tinha sido criado que era para o lazer dos empregados e terminou no profissionalismo. Aconteceram coisas que reforçaram a deliberação de fechamento do Clube como o início da venda a prazo. A firma nunca tinha vendido a prazo, então quando começou houve uma queda abrupta na receita. O cinquentenário do Internacional e do Grêmio, inflacionou muito a folha de pagamento dos clubes profissionais, porque os dois quiseram ser campeões do cinquentenário e nenhum deles foi e o Renner teve que acompanhar, ainda que quase todos os nossos jogadores fossem empregados da firma então recebiam também pela firma. O nosso estádio era um estádio de madeira muito pequeno e deficiente, exigiria que fosse aumentado, chegou a ser comprada uma área de terra onde hoje é o bairro Guajuviras. Podia ter sido feito ali um grande estádio, porque havia uma parte plana onde seria o campo rodeada de morros, base para a arquibancada. A obra demandaria uma disponibilidade financeira muito grande. O presidente do Renner, como era diretor da firma, passou a ser invejado pelos outros diretores, porque ele estava todos os dias na imprensa, no rádio e até na televisão. Mas o golpe final para o fechamento do clube quem deu foi a empresa de propaganda terceirizada pois o clube passou a ser concorrente da empresa de propaganda e eles começaram a boicotar. Ganhávamos uma partida do Internacional e depois de 10 dias eles diziam: “Olha só as vendas caíram 40% porque nenhum colorado comprou artigo Renner”. Ganhávamos do Grêmio eles deixavam passar uns dias e diziam: “Essa semana caiu 60%, nenhum

⁴³ José Antônio Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul entre 1930 e 1937.

gremista comprou artigo Renner”. E assim, chegou em um ponto que não deu mais para continuar e fecharam o clube de futebol. Se tentou muito evitar o fechamento porque na época o clube já era a terceira força do futebol gaúcho, e quem vinha do interior queria um clube que não fosse Grêmio nem Internacional para torcer, mas que pudesse ombrear com eles e era o Renner o que tinha mais chances. Nós já tínhamos uma torcida expressiva e havia condições de se manter, mas a firma não permitiu que fosse usado o nome Renner.

C.M. – Professor, tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de registrar?

A.F. – Vou fazer noventa anos este ano e parece que Deus me destinou, no fim da minha vida, uma série de honrarias. Eu fui eleito por unanimidade sócio honorário da Academia Sulriograndense de Medicina. Na minha posse apresentei em uma conferência o único caso na Literatura Médica Mundial de Tumor de Células Gigantes de Menisco do Joelho. Eu tenho uma dívida muito grande com a minha Faculdade, que me deu toda a minha formação profissional e a minha diplomação que me permitiu o exercício daquilo que ela me ensinou, sem me cobrar um tostão, isso não tem dinheiro que pague, eu quis retribuir pelo menos de uma forma mínima doando para minha Faculdade o primeiro e único caso de Tumor de Célula Gigante de Menisco de Joelho. O caso foi apresentado no Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia do ano de 2008, pela Disciplina de Ortopedia da FAMED⁴⁴, da UFRGS, por seu catedrático Prof. Luiz Roberto Stigler Marczyk, ficando sacramentado como o primeiro. Eu tive essa sorte, essa honra de apresentar, da minha especialidade, um caso primeiro e único na literatura médica mundial.

C.M. – Professor, muitíssimo obrigada.

A.F. – Eu que agradeço para vocês!

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴⁴ Faculdade de Medicina.